



Relato de Campo

Colecionador Wagner da Silva Couto

Data: 25/02/2012

Entrevistado: Wagner da Silva Couto

Pesquisadores: Aira Bonfim; Paulo Nascimento

Redatora: Aira Bonfim

Revisor: Giancarlo Machado

Resumo

A considerável quantidade de times de várzea atuantes na cidade de São Paulo pressupõe a existência de uma variação imensa de camisas de futebol, as quais revelam diferentes tipos de distintivos, formas e cores que são estampadas nos tecidos. Essas camisas muitas vezes trazem o nome do bairro do time, além de propagandas de pequenas e grandes empresas que escolheram patrocinar o futebol amador.

Enquanto a maioria dos colecionadores de camisas de futebol prefere adquirir camisas de grandes clubes profissionais, Wagner da Silva Couto optou por colecionar somente aquelas camisas de times de várzea de São Paulo. Ele possui cerca de 150 itens, e continua adquirindo-os em cada oportunidade de troca. Também já participou do “Encontro de Colecionadores de Camisas”, sediado no próprio Museu do Futebol.

Wagner, colecionador entrevistado, possui 36 anos de idade e trabalha na área de tecnologia aeroportuária. Tal interlocutor é um importante personagem no universo varzeano da Zona Sul de São Paulo. Fundador do time Consideração, ele também participou do grupo responsável pela organização das tabelas de jogos da várzea – intitulado “Cartolas da Várzea” –, fato que contribuiu ainda mais para seu intercâmbio com times provenientes dos quatro cantos da cidade.

A entrevista com Wagner aconteceu no Museu do Futebol, em uma manhã de sábado do dia 25 de fevereiro de 2012. O seu contato estava registrado na listagem de colecionadores presentes no “Encontro de Colecionadores de Camisas”. A categoria de coleção do entrevistado ainda é muito particular entre os próprios colecionadores de camisas de futebol. Apesar de jovem, sua história é vinculada ao cenário do futebol de várzea: incentivado pelo pai quando ainda era criança, ele se tornou jogador do time Grêmio Esportivo Campo Grande.

Relato

Wagner Couto, colecionador de camisas de futebol de várzea, foi recebido pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) em uma manhã ensolarada de sábado, nas dependências do próprio Museu do Futebol. Na ocasião, ele preferiu trazer parte de sua coleção, a qual constitui um acervo pouco explorado.

Durante o encontro, Wagner primeiramente contou sobre a sua relação com o universo do futebol de várzea. Ele se define como um amante do futebol, e a várzea, mais que um local para a prática de esportes, é considerada um espaço de encontro, de amizade e de possibilidade de encarar o futebol como uma diversão. Quando criança, aos seis anos de idade, Wagner passou a acompanhar o pai pelos campos da Zona Sul de São Paulo (como os do Estrela da Saúde, do Anhanguera, do Martinica, do Cleuza Bueno, do Grêmio do Campo Grande e do Castelo). Segundo o entrevistado, a limitação de recursos de sua família fazia com que esses campos se tornassem o seu espaço de lazer. Ele relatou que ainda mantém as amizades feitas desde a época de criança. Mesmo não tendo participado de nenhuma categoria de base, prática em ascensão em sua infância, ele acompanhava as atividades do pai (que era jogador de futebol) e sempre aproveitava para jogar bola nos rápidos intervalos dos jogos realizados nos campos que frequentava.

O pai de Wagner atuou em vários times de várzea, como Taquaral, Fibra e Coca-Cola. O entrevistado revelou que, nos anos 1980, muitas empresas tinham times que as representavam no universo do futebol amador. Esses momentos de práticas esportivas funcionavam como uma espécie de “clube”, visando o lazer e a confraternização dos funcionários. Nas lembranças de Wagner ficou a recordação de uns dos melhores times da época, o Marcas Famosas, representado por importantes jogadores de certas empresas e fábricas. Tais jogadores, como no caso do time citado, além de serem selecionados para as disputas, também angariavam um novo emprego nas empresas envolvidas. Vale ressaltar que essa prática ainda acontece nos dias de hoje, porém com menor frequência.

Aos 14 anos de idade, Wagner foi convidado a jogar no extinto Negritude do Brooklin, entretanto, esse time localizava-se distante de sua casa. Na ocasião de um jogo contra o Grêmio Esportivo Campo Grande, o Negritude

do Brooklin saiu vitorioso. Mas, no caso de Wagner, a conquista foi outra, visto que ele foi convidado a atuar no time perdedor que jogava na região onde morava. Sendo assim, nos 15 anos seguintes ele defendeu a camisa do G. E. Campo Grande, time sediado até hoje no Clube da Comunidade (CDC) Maria Felizarda da Silva. Esse espaço oferece uma gama de atividades, como informática, iniciação esportiva, ginástica olímpica, tênis e treinos para as categorias de base de futebol de campo.

A coleção de camisas de várzea surgiu na vida de Wagner como uma forma de contar a sua história. Assim como aprendeu a amar o futebol com o pai, o entrevistado confessou que a sua coleção é uma maneira de demonstrar (para seus futuros netos, por exemplo) esse amor. Wagner ainda não é casado apesar de já pensar em netos. Ele mora sozinho, em companhia apenas de sua coleção. A organização das camisas demonstra que elas estavam dobradas e guardadas em seu guarda-roupa ou, de preferência, conforme falou o interlocutor, longe de um tio com histórico de furto de suas camisas mais bonitas, ou, até mesmo, de alguma namorada que eventualmente questione o seu ato de colecionar.

Por ser uma pessoa atuante na várzea, Wagner passou a organizar partidas de futebol e, conseqüentemente, a aumentar a sua coleção a cada novo time conhecido nos campos. Quando montou o time Consideração (o qual atuou, inclusive, nas seletivas da Copa Kaiser), ele notou que sempre quando alguém lhe pedia uma camisa, tal presente era oferecido na hora. Mas, em uma certa ocasião - com o fardamento do time já prejudicado, restando apenas doze itens - percebeu que era melhor trocar as camisas em vez de oferecê-las. Desde então passou a fazer camisas extras para trocá-las com os times adversários do Consideração. Além disso, ele também distribuía os produtos para outros amigos, para que eles os trocassem com times localizados em outras zonas da cidade de São Paulo.

Wagner participou durante um certo período do grupo intitulado “Cartolas da Várzea”. Tal grupo era composto por dirigentes de diferentes clubes e bairros, que se encontravam para marcar jogos na várzea e debater aspectos em torno do futebol, como, por exemplo, a segurança do atleta varzeano, a qual, segundo Wagner, melhorou muito em tempos atuais, por mais que ainda existam regiões perigosas. Através do grupo também foi formado um time de mesmo nome, e, graças a essa equipe, Wagner conheceu os quatro

cantos da cidade de São Paulo, além de demais pessoas apaixonadas por futebol amador. Como de praxe, a partir dos vários encontros propiciados pelos jogos, mais camisas passaram a fazer parte da sua coleção.

Por discordâncias em relação a questões financeiras, o grupo deixou de existir, embora o contato com esses campos distantes tenha permanecido para o interlocutor. Wagner revela que em cada parte da cidade há alguém essencial para organizar as disputas entre os times. Ele cita, como exemplo, Paulo Cesar Dutra, da Associação Recreativa Anhanguera (Zona Sul); Henrique, do time 9 de Julho da Casa Verde; Walter, do Jardim Elba; e Cocada, conhecido por cobrir partidas de várzea e por ser o responsável pela organização dos times da Zona Leste.

O colecionador não tem nenhum constrangimento em vestir as suas aquisições. As camisas são sempre reconhecidas por algum desconhecido, e tal fato é fundamental para o estabelecimento de formas de sociabilidade entre ele e as demais pessoas que compartilham os mesmos interesses. Wagner comentou que, no universo do futebol de várzea, é possível encontrar torcedores de vários times, que “aproveitam o fim de semana para brincar, se abraçar e interagir”. Em sua perspectiva, essa mesma situação dificilmente é observada em circuitos de torcedores de times profissionais.

A coleção de Wagner Couto iniciou-se em meados de 1995, e é composta por aproximadamente 150 camisas. Segundo o entrevistado, o interesse por essa especificidade aconteceu por conta da criatividade observada em relação aos nomes e aos desenhos estampados nas camisas. Devido à existência de mais de 5.000 times na cidade de São Paulo, há, portanto, uma tamanha variedade de nomes, distintivos e mascotes. Wagner adquire, em média, de três a cinco camisas por mês, cujos valores unitários variam entre R\$ 40,00 a R\$ 50,00. Sendo assim, tais gastos são apontados pelo interlocutor como alguns dos motivos para que ele não use camisas oficiais de times profissionais.

O colecionador participou apenas uma vez do “Encontro de Colecionadores de Camisas”, evento sediado no próprio Museu do Futebol. Ele enfatizou que a sua coleção, em razão da especificidade, chamou a atenção de muitos outros presentes. Alguns, inclusive, comentavam os nomes dos times e até reconheciam os bairros de atuação dos mesmos. Wagner não imaginava que o universo do colecionismo fosse tão organizado

e articulado, e muito menos que pudesse se interessar por seu conjunto de camisas. Perguntado se agora faz parte de algum grupo de colecionadores, ele responde que não, tanto que nem mesmo utiliza a Internet como uma ferramenta de troca, compra ou venda.

Todas as suas camisas dizem respeito ao universo do futebol varzeano, o qual ele participa aos fins de semana. Amizade foi uma palavra recorrente durante a entrevista com Wagner. Ele comentou que graças ao futebol conheceu diversos lugares, como as favelas de Heliópolis e de Paraisópolis, locais taxados como violentos e perigosos. Sendo assim, o futebol varzeano se configura como responsável por inseri-lo nesses contextos, e como um meio que possibilita a ampliação e a manutenção de sua rede de sociabilidade. Por fim, questionado sobre a representação da figura de um colecionador, Wagner respondeu que “coleccionar é mostrar a identidade e a personalidade através de uma coleção”.

Alguns dos times de várzea representados na coleção de camisas de Wagner são:

- Sete de Setembro (fundado em 1917)
- Saudosa Maloca
- Apache Vila Maria
- Ajax de Vila Rica
- Perus do Largo 13
- Ouro Preto do Jardim Ipiranga
- Esporte Clube Verona da Cidade Tiradentes (time formado por migrantes baianos, residentes no bairro. A camisa é parecida com a do Esporte Clube Bahia)
- Cantareira de Heliópolis
- Panela Problema (Zona Oeste)
- Raposa da Várzea
- Inajar de Souza (Zona Norte)
- Cobra da Leste (Jardim Elba)
- Entre Amigos (Vila Progresso)
- Pionner (campeão da Copa Kaiser 2010, em São Paulo)
- GTX da Casa Verde
- Alvorada do Jaraguá (Pico do Jaraguá no brasão da camisa)
- Negritude F. C. de Artur Alvim



- 100 Miséria
- Black Out (sua camisa predileta, com São Jorge estampado)
- Brasília
- Piratininga
- Nós Travamos
- Botafogo de Guaianazes
- Pery Novo
- Comercial de Pirituba

Essas são as camisas trazidas por ele ao encontro realizado no Museu do Futebol. Todavia, existem muitas outras, mas a coleção de Wagner ainda não foi catalogada.